

CARTOGRAFIA PROFANA: POLÍTICAS-POÉTICAS DE CURRÍCULO E ESPACIALIDADE NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Vitor Marques¹

Universidade Federal da Bahia

Maria Inez Carvalho²

Universidade Federal da Bahia

RESUMO

Este artigo, com e sobre uma Cartografia Profana na Geografia Escolar, é uma fabulação-performativa, produto de pensares e quereres de mapeamentos com estudantes de uma escola básica do Centro Histórico de Salvador, BA. Optou-se por uma ontologia fraca, em terreno de abordagem pós-estrutural, no qual, os mapeadores são esmaecidos no continuum entre mapa e mapeamento, o que autorizou a compor operações do incontornável, do que não se pode banir, na tensão do percorrer a encruzilhada Geografia Escolar, apontando o espaço e o currículo como dimensões que se reconstróem no fluxo de saberes e práticas dos afetos dos/nos corpos. Escrita de linhas errantes como um hipertexto entremeado por notificações apresentadas metaforicamente como pedras catadas e tropeçadas na encruzilhada imanente dessa trama. O que pode uma Cartografia Profana no contexto de uma Geografia Escolar? Propõe-se articulações dessas experiências com a tradução, hibridação e descolamentos engendrados das proposições de espaço aberto em Massey, das contribuições de Derrida sobre textualização, a hodologia em Besse e intersecções de conceitos de Deleuze.

Palavras-chave: Cartografia Profana; Geografia Escolar; Currículo.

PROFANE CARTOGRAPHY: POLICIES-POETICS OF CURRICULUM AND SPACE IN SCHOOL GEOGRAPHY

ABSTRACT

This article, with and about a Profane Cartography in School Geography, is a performative fabulation, the product of thoughts and wishes of mapping with students of an elementary school in the Historic Center of Salvador, BA. We opted for a weak ontology, in a post-structural approach, in which the mappers are faded in the continuum between map and mapping, which allowed composing operations of the

¹ Doutorando em Educação na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Graduado em Licenciatura em Geografia na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Membro do Grupo de Pesquisa sobre Formação em Exercício de Professores FEP/CNPq – UFBA, Salvador, Bahia, Brasil. Endereço para correspondência: Avenida Reitor Miguel Calmon s/n, FAGED-UFBA, Canela, Salvador, Bahia, Brasil, CEP: 40110-100. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8643-3699>. E-mail: vitormarques.geo@outlook.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Licenciada e bacharel em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Lider do Grupo de Pesquisa sobre Formação em Exercício de Professores (FEP/CNPq) e Professora Titular na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil. Endereço para correspondência: Avenida Reitor Miguel Calmon s/n, FAGED-UFBA, Canela, Salvador, Bahia, Brasil, CEP: 40110-100. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8032-072X>. E-mail: misc@ufba.br.

uncontrollable, of what cannot be banished, in the tension of going through the crossroads of School Geography, pointing to space and curriculum as dimensions that are reconstructed in the flow of knowledge and practices of the affections of/in bodies. Writing of errant lines like a hypertext interspersed with notifications metaphorically presented as stones picked up and stumbled upon at the immanent crossroads of this plot. What can a Profane Cartography do in the context of a School Geography? We propose articulations of these experiences with the translation, hybridization and engendered detachments of open space propositions in Massey, Derrida's contributions on textualization, hodology in Besse and intersections of Deleuze's concepts.

Keywords: Profane Cartography; School Geography; Curriculum.

CARTOGRAFÍA PROFANA: POLÍTICAS-POÉTICAS DEL CURRÍCULO Y DEL ESPACIO EN LA GEOGRAFÍA ESCOLAR

RESUMEN

Este artículo, con y sobre una Cartografía Profana en la Geografía Escolar, es una fabulación performativa, producto de pensamientos y deseos de mapear con alumnos de una escuela primaria del Centro Histórico de Salvador, BA. Optamos por una ontología débil, en un enfoque postestructural, en el que los mapeadores se desvanecen en el continuum entre mapa y mapeo, lo que permitió componer operaciones de lo incontrolable, de lo que no se puede desterrar, en la tensión de transitar por la encrucijada de Geografía Escolar, apuntando al espacio y al currículo como dimensiones que se reconstruyen en el fluir de saberes y prácticas de los afectos de/en los cuerpos. Escritura de líneas errantes como un hipertexto intercalado con notificaciones presentadas metafóricamente como piedras recogidas y tropezadas en la encrucijada inmanente de esta trama. ¿Qué puede hacer una Cartografía Profana en el contexto de una Geografía Escolar? Proponemos articulaciones de estas experiencias con la traducción, hibridación y desprendimientos engendrados de proposiciones de espacio abierto en Massey, aportes de Derrida sobre textualización, hodología en Besse e intersecciones de conceptos de Deleuze.

Palabras clave: Cartografía Profana; Geografía Escolar; Currículum.

PRELÚDIO DE UMA ENCRUZILHADA

A formação é atravessada por caminhos diversos, a trajetória até esse trabalho, se fez por caminhos diferentes e múltiplos tropeços. Os caminhos nos exigem, exigimos dos caminhos, de modo que a cada novo passo, uma série de sucessões, previstas ou imprevistas, os caminhos tornam-se

en
cruzilhada
e, cada um torna-se o que é.

No fluxo dessa encruzilhada, o corpo-pesquisador se esbarrou numa questão: qual a forma oportuna para apresentar um trabalho sobre uma Cartografia Profana?

Afinal, o mapa – uma textualização do espaço – não tem forma unívoca de produção/leitura pré-determinada. A partir de pensamentos insones propõe-se um hipertexto entremeado por notas apresentadas metaforicamente como pedras tropeçadas e catadas no fluxo encruzilhístico – notas que talvez sintam falta no rodapé.

Este artigo, como qualquer outro, pode ser lido de diversas formas, mas especialmente de duas. *No fluxo da encruzilhada tinha algumas pedras*, tinha *algumas pedras no fluxo da encruzilhada*. Quem lê está convidado a escolher uma das possibilidades:

1. *No fluxo da encruzilhada tinha algumas pedras*. Ler de forma comumente sequencial, catando, na encruzilhada, as pedras – palavras em azul e com número subscrito, hiperlinkadas – que no poslúdio são apresentadas.
2. *Tinha algumas pedras no fluxo da encruzilhada*. Catar as pedras no fluxo da encruzilhada clicando nas palavras hiperlinkadas, se direcionado, a cada clique, a presentificação de cada pedra.

Inicia-se pela articulação de pensares, querereres e a experiência de uma Cartografia Profana, realizada com estudantes da educação básica de uma escola pública de Salvador, BA. Em seguida, procura-se situar, dinamicamente, essas experiências entre mapa, mapeadores e mapeamento. Nessa trama, enumera-se alguns tropeços em pedras, enquadrados com esclarecimentos, para terem possíveis conduções no movimento de ir e vir encruzilhístico desse artigo. Por fim, entre pedras no caminho e pedras no sapato, apresenta-se, em tons de considerações finais, o catado de pedras na encruzilhada que possibilitou compor operações na reflexão das políticas-poéticas curriculares e espaciais, bem como suas diferenças e repetições. A encruzilhada é potência semântica, no derivar das possibilidades, lugar do jogo, das contingências, da incerteza na criação de fabulações-performativas dos mapas de hoje a partir dos de ontem. Mas, como atingir os mapas de ontem?

*Exu matou um pássaro ontem
com uma pedra que só jogou hoje!
– Ditado Iorubá.*

Exu, o orixá que nasceu antes da própria mãe, apresenta movimento, a comunicação, o ir e vir, o elo, a circularidade que é base da cosmovisão iorubá, e emerge neste tecer textual a negociação do ir e vir com as pedras desse per-curso. O corpo que deriva na encruzilhada tem a possibilidade de se deslocar no *entre*, em *continuum*, sem se local num binarismo qualquer, é *formafluxo* dinâmico que inspira criar uma Cartografia Profana nos *entres* do mapa e do mapeamento.

EXPERIÊNCIA CURRICULAR E ESPACIAL DE UMA CARTOGRAFIA PROFANA

As linhas errantes que se seguem foram tecidas a partir de catados de um trabalho dissertativo, defendido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), cujo campo foi realizado com oito estudantes, dos anos finais do ensino fundamental, de uma escola pública, localizada no Centro Histórico de Salvador, BA.

Almejando desvios a certas imposições da Cartografia Escolar que é marcada por uma espacialidade cartesiana e a expectativa de univocidade [curricular¹](#) – forjando um fechamento da leitura [espacial²](#) – que entende o mapa como “representação da realidade”, deslizando, encruzilhou-se no terreno das abordagens pós-estruturais (PETERS, 2000), e no encontro com os argumentos pós-qualitativos (ST. PIERRE, 2018), opta-se por uma *ontologia fraca*, na qual, os mapeadores foram deslocados “do centro para X” (VATTIMO, 2007, p.4) no *entre* mapa e mapeamento. Sendo assim, procura-se situar as experiências de estudantes (mapeadores) como parte do processo de mapeamento, e o mapa como uma dimensão aberta, produto da compreensão e interpretação das experiências espaciais e sua interação semiótica, observados a partir dos acontecimentos engendrados por negociações e intencionalidades espaciais diversas, expressos na dinâmica relacional de cada mapeador e seus pensamentos e imaginações espaciais, que potencializam desmanches nas [políticas curriculares e espaciais³](#). A partir de então, inter-corre a pergunta: **o que pode uma Cartografia Profana no contexto de uma Geografia Escolar?**

No fervor das apropriações do espaço, nos contornos do urbanismo atravessados por devires, no percorrer das ruas, entre dobras estruturais e

atravessamentos de ordem menor, interessou-se pelos experimentos dos sentidos no *continuum* das intensidades, entre mapas, mapeadores e mapeamentos.

Devir-cidade. Passo, dança, corrida, errância, improviso, riso, contato... Uma cidade em devir atualizada por práticas dos afetos dos/nos corpos em acontecimento. Esse deslizar pelos territórios da arte, com composições cartográficas em uma Geografia Escolar, constituíram o plano imanente dessa experiência. Um experimento de uma Cartografia Profana que vivencia e mapeia os lugares de modo mais declaradamente fabulizado.

[...] como tal mapa, pode ser reanimado – ou seja, aberto ao infinito número de histórias não simultâneas contidas em cada rua, estrutura e edifício, as inumeráveis vozes e corpos que criam essas histórias através das suas interações e os contingentes encontros em tais espaços? (PRESNER, 2009, p. 301).

Pesquisador e estudantes (mapeadores), na [aventura do mapear⁴](#) golpeiam placas de vidros sobrepostos no mapa do Centro Histórico de Salvador, BA. Os vidros trincaram, formando encruzilhadas a partir das rachaduras. Diante desse acontecimento incontrollável, traça-se as rachaduras no mapa do Centro Histórico de Salvador e percorrem esses trajetos (figura 1 e 2), apresentados como linhas de fuga, fotografando-os. Uma [hodologia⁵](#) atenta aos estímulos que puderam sentir, eis uma Cartografia Profana.

Mapeadores e um mapa, como todos os outros, abertos a mapeamentos. Tendo o acaso como guia e incorporando as contingências, percorrendo a encruzilhada inventiva ao invés de caminhos demarcadamente reconhecidos e convencionais, profanando os caminhos oficiais da cidade, os mapeamentos foram acontecendo no *continuum* entre produzir e ser produzido, percorrendo o lugar de formas outras.

Esta foi uma existência possível frente às precariedades dos vidros quebrados: percorrê-los e mapeá-los. A potência de viver apesar das chances ruins. O mapeamento pode ser lassidão tingida de assombro ao percorrer a encruzilhada e ao mesmo tempo felicidade de se perder e encontrar nela, sentindo o cheiro do mundo, o gosto do espaço.

Figura 1 – Mapeamento A



Quem lê/mapeia está convidado a clicar nos ícones vermelhos de localização (📍), para se aventurar no mapeamento de cada ponto. Se preferir, [clique aqui](#), para acessar uma página com todas as fotografias do mapeamento.

Figura 2 – Mapeamento B



Quem lê/mapeia está convidado a clicar nos ícones vermelhos de localização (📍), para se aventurar no mapeamento de cada ponto. Se preferir, [clique aqui](#), para acessar uma página com todas as fotografias do mapeamento.

Tropeço 1: Profanações

Em Marques, Costa e Faria (2022) defende-se que a discussão em torno da relação da cartografia com o discurso da produção de imaginações espaciais não é exatamente nova. O eterno retorno nos traz as marcas dos rastros de diversos movimentos artísticos, como o dadaísmo e a busca de valorização de experiências na “cidade banal”, as deambulações surrealistas, a deriva espacial proposta por Debord e a internacional situacionista postularam a importância de se valorizar experiências espaciais outras e, registrá-las sob novas leituras. Movimentos traduzidos por Jacques (2014) como *errâncias urbanas* diante da modernização das cidades, ao escrever sobre experiências urbanas, as quais produzem as chamadas *narrativas errantes* (JACQUES, 2014):

Essas narrativas errantes são narrativas menores, são micronarrativas diante das grandes narrativas modernas; elas enfatizam as questões da experiência, do corpo e da alteridade na cidade e, assim, reafirmam a enorme potência da vida coletiva, uma complexidade e multiplicidade de sentidos que confronta qualquer “pensamento único” ou consensual, como o promovido hoje por imagens midiáticas luminosas e espetaculares das cidades. (JACQUES, 2014, p. 20-21).

As *errâncias urbanas*, as experiências nas linhas de fuga curriculares e espaciais e suas *narrativas errantes* são apresentadas aqui como *mapeamentos* de uma Cartografia Profana, que nesse tecer foi inspirada nas danças, piruetas e mascaradas dos livros *Pedagogia Profana* e *Elogio da Escola* de Jorge Larrosa (2004; 2017), os quais nos mostrou rastros para as profanações de Agamben (2007) e de Masschelein e Simons (2013).

Daí, flui, então, experimentar, a partir das linhas de fuga que emergem diante das finalidades fortes das propostas curriculares e dos pretensos fechamentos dos mapas, a escola como *tempo livre*, a *skholé* que sugere a profanação de práticas, para a produção de sentidos outros, deslocando coisas dos seus usos habituais; acessível

para desterritorializações e reterritorializações de sentidos outros. Essa escola é uma invenção histórica da polis grega, uma intervenção democrática.

Diante disso, numa vontade atualizada de *skholé*, profana-se os supostos mapas sacralizados, em um mapeamento inventivo do espaço na Geografia Escolar, que borram os planejamentos escolares e urbanos ao escapar (ou não) de valores teleológicos e utilitaristas. Nesse sentido, os mapeadores dessa pesquisa, praticantes ordinários e errantes, apropriam-se do mapa e inventam um uso outro, um uso profanado.

No texto, *Elogio da Profanação*, Agamben escreve:

O termo *religio*, segundo uma etimologia ao mesmo tempo insípida e inexata, não deriva de *religare* (o que liga e une o humano e o divino), mas de *relegere*, que indica a atitude de escrúpulo e de atenção que deve caracterizar as relações com os deuses, a inquieta hesitação (o “reler”) perante as formas – e as fórmulas – que devem observar a fim de respeitar a separação entre o sagrado e o profano. *Religio* não é o que une homens e deuses, mas aquilo que cuida para que se mantenham distintos. Por isso, à religião não se opõem a incredulidade e a indiferença com relação ao divino, mas a “negligência”, uma atitude livre e “distraída” – ou seja, desvinculada da *religio* das normas – diante das coisas e do seu uso, diante das formas de separação e do seu significado. Profanar significa abrir a possibilidade de uma forma especial de negligência, que ignora a separação, ou melhor, faz dela um uso particular (AGAMBEN, 2007, p.66).

Em roubo criativo das formulações de Agamben, compreende-se que os mapeamentos (profanações) dessa pesquisa não se pretendem locar em um polo binário, mas em *continuum*, pois a religião (cartografia oficial) não é o que une o ser (mapeadores) ao divino (mapa), mas a dimensão que distancia, colocando o ser (mapeadores) diante das normas ditas oficiais e formas sagradas. Esse mapeamento é o incontrolável que nos faz derivar nos mapas, entre o divino e o profano, onde não se pretende acabar com o sagrado, mas dar-lhes usos outros, profaná-lo, isto é, aprender a brincar com ele (AGAMBEN, 2007, p. 75).

Quem é ateu e viu milagres como eu
Sabe que os deuses sem Deus
Não cessam de brotar, nem cansam de esperar

E o coração que é soberano e que é senhor
 Não cabe na escravidão, não cabe no seu não
 Não cabe em si de tanto sim
 É pura dança e sexo e glória, e paira para além da história.
 (VELOSO, 1985).

Um trabalho que não trará a salvação da Cartografia Escolar, mas uma profanação na escola básica e dos mapas, um reviver, atento ao que ficou na névoa, no não formulado, no que não prestaram atenção, no que pode acontecer, no qual “a história universal torna-se impossível: uma história atravessada pela busca de causas últimas que são comumente dissolvidas, assim como os personagens criados para seus heróis” (PIMENTEL-JÚNIOR; CARVALHO, 2014), no fluxo de [diferenças e repetições](#)⁶, onde os pretendidos mapas *universais e verdadeiros* (DELEUZE, 1988), são borrados em um plano imanente que é “como um corte do caos e age como um crivo” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 53).

Tropeço 2: Precariedade

É importante, nesse tropeço, diferenciar precariedade de precarização. Sendo a precariedade, condição intrínseca engendrada numa existência generalizada por contingências, incertezas e provisoriiedades. Já a precarização, a qual reconhecemos que muito se advém dos “podres poderes” (CAETANO, 1984), com movimentos tingidos por autoritarismos, que segundo Foucault (1999), é tecnologia dominante do governo biopolítico das populações. Coaduna-se com a disposição de Judith Butler (2010) que não existe vida sem precariedade, e dela não podemos escapar, é “condição generalizada”, “uma condição existencial” (BUTLER, 2010, p. 42), um traço da nossa humanidade, visto que não há vida sem dependência de redes de sociabilidade e de trabalho” (BUTLER, 2010, p. 45).

ENTRE MAPAS, MAPEADORES E MAPEAMENTOS

Mapa. Quando termina a produção de um mapa? No momento em que se faz o download no Google Maps? Quando o Waze calcula um trajeto mais curto? Na impressão em seções do livro didático? Ou talvez o mapeamento nunca pare. Talvez mapas sejam pela diferença e repetição, sempre traduzidos e (re)produzidos.

O mapa está vivo! Viva o mapa!

É inegável que a prática de mapas na escola, legitimam uma forma hegemônica de ler o mundo. Divisões político-administrativas que tentam a fixação de leituras do espaço, pautadas no paradigma cartesiano e na ideia de representação, o espaço como produto acabado. Mas, ao hibridizar sentidos diferentes na escola, com múltiplas significações instituintes, esses mesmos mapas, comumente “vistos do alto”, podem nos proporcionar o pouso em sua superfície.

As belas “visões do alto” provocativas de um enxergar o mapa como superfície, ao tempo que potencializam uma verdade única e impeditivo de pousos, são um convite a este pouso. De fato, as lentes nos dizem sobre o espaço, mas não são o espaço, já que o espaço não está dado, da mesma forma como não há uma realidade disponível à apreensão senão os movimentos de inter-relações estabelecidas entre coisas, pessoas, seres, lugares e com o próprio mapa. Os pousos nos mapas que ocorrem soltos na Geografia Escolar, comprometem, em si, a tentativa de fechamento dos mapas. O que está em jogo não é menos a decodificação dos signos, e mais a produção de entendimentos do mundo e a criação de horizontes outros interseccionados pela linguagem cartográfica.

Massey (2008) chama a atenção para como Derrida reconhece a importância do espaço/espacialização. A partir da noção de desconstrução, o espaço é explicitamente temporalizado, e é fundamental para a descoberta da produção de diferença. É o espaço como eventualidade e aberto a traduções. Operando com o desconstrucionismo derridiano, o mapa é visto como um tecido, uma composição múltipla por muitos fios. Derrida coloca que “mesmo que não haja um discurso, o efeito da espacialização já implica uma textualização” (DERRIDA, 1994, p.15). Sendo assim, o mundo é como um texto (MASSEY, 2008, p.83), que está aí para ser traduzido.

E essa textualização – aqui implica em espacialização – não é representação do mundo, visto que “se há uma unidade da leitura e da escrita como se pensa facilmente, se a leitura é escrita, esta unidade não designa nem a confusão indiferenciada nem a identidade de todo repouso; o é que une toda leitura a escrita deve descosê-las” (DERRIDA, 2005, p. 7).

A tradução é possibilidade de re-criação da linguagem, neste caso os mapas, num mapeamento que permite questionar as *representações plenas da cartografia oficial* e da Geografia Escolar no currículo. Operando com a noção de tradução deste mapa do Centro Histórico de Salvador, foram desenvolvidos múltiplos processos de significação a partir da produção de múltiplos contextos em apresentações de tempos-espacos singulares. Os mapas são abertos a novas traduções, e concebê-los como uma linguagem que estabelece uma mediação semiótica dos estudantes-mapeadores com uma situação espacial, mediante a qual se organiza o mundo não em uma perspectiva única, mas entre o instituído e o instituinte que, pelo uso/produção, é contemplar e o devir espacial.

Tropeço 3: Apresentação

apresentação

substantivo feminino

1. Termo em desuso.

Assim, significa-se a apresentação deslocada das noções de fabulações-performativas para evocar a trama que compõem o lugar a partir das profanações. A relação do mapeador com o mapa, aqui é como a relação do artista e sua performance:

Recusando-se a ser protagonista, o performer não apresenta a si mesmo, assim como não se representa. Sua presença se torna antes fonte de produção [Poiesis], de deslocamento. Convertido no lugar de passagem de fluxos energéticos (gestuais, vocais, libidinais etc.) que o atravessam sem jamais se imobilizar em um sentido ou em uma representação dada, seu jogo de atuação é o de fazer os fluxos operarem, captar as redes. Esses gestos que ele executa não desembocam em nada a não ser nos fluxos de desejo que os põem em ação (FÉRAL, 2015, p. 159).

Mapeadores. Os mapeadores desta Cartografia Profana são oitos estudantes do oitavo ano, de uma escola pública do Centro Histórico de Salvador, onde residem; corpos-mapeadores em contato com outros corpos e situações espaciais que ativam a potência criativa de outros espaços. Como corpo entende-se que “pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um *corpus* linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade” (DELEUZE, 2002, p.132-133).

Tais corpos se deslocam no *entre*. Entre o mapa e o mapeamento, entre o instituído e instituinte. Engendrando mapeadores-entre. Um entre que é fluxo, sem identidade fixa, que está entre “coisas” que não indicam uma correlação localizável que vai de um polo a outro, “uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37).

As outras linguagens que decifram e experimentam o mundo [...] vêm criando devires outros no pensamento geográfico, produzindo geografias menores: estas são ilhas no entorno do continente da geografia maior, são potências de expansão desse continente, são também as primeiras aproximações desse continente para quem vem do oceano livre e flutuante do pensamento. (OLIVEIRA JUNIOR, 2009, p. 19).

Assim o mapa pode possibilitar leituras diversas, mobilizadas por sentidos e traduções, que favorece uma perspectiva ativa dos sujeitos na construção do devir espaço, que contempla o virtual, por exemplo, os mapas. Uma proposta pela qual, o mapeador, à medida que percorre e lê o mapa, individual ou coletivamente, o traduz relacionando-o com suas diferenças e multiplicidades de se relacionar com o espaço. Uma experiência que não concebe o mapa apenas na fixidez, mas, também e principalmente, como dispositivo de devires cartográficos.

O caminho passa então a ser de se abrir para outras possibilidades de pensar e criar não só a cartografia, mas a própria concepção de ciência. Uma perspectiva de ciência cujo discurso não se paute na vontade de verdades dogmáticas e fixamente essencializadoras do real, mas um pensar que se coloque como **criador de novos sentidos no próprio encontro com o mundo**,

como imanente ao mundo enquanto acontecimento da vida (FERRAZ, 2014, p.05, grifo nosso).

E a partir desses encontros potencializadores de mundos outros, procura-se situar nesta pesquisa, as experiências dos estudantes (mapeadores) como parte do processo de mapeamento, e o mapa como apresentando uma dimensão aberta, produto da compreensão e interpretação das experiências espaciais e sua interação semiótica. Assim, o mapa aparece como um campo aberto às experiências dos mapeadores que pode desencadear afetos que possibilitam a multiplicidade de leituras e produções espaciais, portanto esses corpos-mapeadores são considerados aqui mais *usadores*, e menos *usuários* dos mapas. A ideia borrada de distinção entre *usadores* e *usuários* que se coloca aqui é deslocada dos estudos de Henri Lefebvre sobre reprodução do espaço urbano. De modo que para o *usuário*, na produção espacial, o valor de uso cede cada vez mais lugar ao valor de troca. Enquanto para o *usador* estão mais tensionadas as relações que implicam fluxos de sentidos ligados ao lugar.

Tropeço 4: Afeto

Entende-se aqui que afetos “não são sentimentos, são devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro)”. (DELEUZE, 2008, p.171), “[...] é a descarga rápida da emoção, o revide [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 84), efeitos de intensidades sobre o corpo, possibilitando afecções, que são relações estabelecidas no encontro entre corpos, humanos ou inumanos, “que ocupam o intervalo, aquilo que o ocupa sem o encher ou o tapar. Surge no centro da indeterminação, isto é, no sujeito, entre uma percepção sob certos aspectos perturbantes e uma ação hesitante. (DELEUZE, 2009, p. 106).

Borrando essa noção de Lefebvre, chama-se aqui os estudantes, *usadores* do mapa, de mapeadores, visto que um mapa nunca está pronto e acabado, então, tanto quem faz, quanto quem usa, mapeia. Pois, nas traduções, um mapa pode ser rasgado,

borrado, e sempre recontextualizado, na interação marcada pela *différance* (DERRIDA, 1991), que altera e faz com que algo aconteça, contaminando a intenção de mapa fixo. Assim a tradução que rola solta expressa mapas outros.

Mapeamento. Para além do binarismo entre produção e consumo, os mapeadores dessa experiência se deslocaram no *continuum* permanente de fabulações-performativas de um mapeamento que se desloca entre percorrer e narrar, ler e produzir, usar e traduzir o lugar, a partir das incontornáveis das linhas encruzilhísticas do vidro. Para além de caminhos “prontos” e da razão funcional, o mapeamento é processo aberto à multiplicidade que possibilita emergir mapas outros e singulares na Geografia Escolar.

Tropeço 5: Fabulações-performativas

As chamadas *fabulações-performativas* são elucubrações de um corpo que pensava esta pesquisa como um “mapeamento de memórias do/no espaço vivido”. Mas sendo esses mapeamentos obras de arte, bastaria a memória do vivido? Eis a citação que dispara essa invenção insone:

A memória intervém pouco na arte (mesmo e sobretudo em Proust). É verdade que toda obra de arte é um monumento, mas o monumento não é aqui o que comemora um passado, é um bloco de sensações presentes que só devem a si mesmas sua própria conservação, e dão ao acontecimento o composto que o celebra. O ato do monumento não é memória, mas a fabulação (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 198).

Passa-se a considerar que para esta Cartografia Profana, não bastaria somente a convocação de percepções passadas, mas pôr em jogo a fabulação.

A função fabuladora criadora nada tem a ver com uma lembrança mesmo amplificada, nem com um fantasma. Com efeito, o artista, entre eles o romancista, excede os estados perceptivos e as passagens afetivas do vivido. É um vidente, alguém que se torna. Como contaria ele o que lhe aconteceu, ou o que imagina, já que é uma sombra? Ele viu na vida algo muito grande, demasiado intolerável também, e a luta da vida com o que a ameaça, de modo que o pedaço da natureza que ele percebe, ou os bairros

da cidade, e seus personagens, acedem a uma visão que compõe, através deles, perceptos dessa vida, deste momento, fazendo estourar as percepções vividas numa espécie de cubismo, de simultantismo, de luz crua ou de crepúsculo, de púrpura ou de azul, que não têm mais outro objeto nem sujeito senão eles mesmos (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 202).

Arrisca-se apresentar tais fabulações como performatividades. Mapeamentos que, pela diferença e repetição, são uma reencenação e re-experiência de um conjunto de significados pretensamente estabelecidos (BUTLER, 1988), numa ação entre afetar e ser afetado em ação coletiva e política entre corpos que compartilham o espaço, no qual, na impossibilidade de identidade fixa, os corpos encenam as performatividades que são fabuladas no acontecer.

Presenta-se nesse mapeamento, como *formasfluxos*, narrativas de mapeadores, que experimentam o lugar percorrendo as encruzilhadas e engendram uma prática que desperta as invenções do espaço e inaugura o devir-cidade, como vontade de potência de fabulações-performativas que recria a cidade. Assim, os mapeadores entram em contato com outros corpos, fundando experiências com o que se sente, proliferando conexões, ou não, que ativam o ensino e aprendizagem sobre a cidade.

Essa multiplicidade de mapeamentos constitui uma Cartografia Profana que compreende o lugar em uma constante (re)construção em função dos inventivos mapeamentos tecidos, formando um emaranhado que configura uma disputa estética e política na criação do lugar, narradas aqui pelos mapas, numa cartografia de intensidades que apresenta um percurso nas *linhas de fuga* da encruzilha, com mapas que pelo jogo de fabulações-performativas estão em um estado de constante *tornar-se*.

Tropeço 6: linhas de fuga

O que fazer diante dos mapas e mapeadores que os querem fechados? Fugir deles ou fugir neles?

Fugir não consiste em sair da situação para ir embora, mudar de vida, evadir-se; implica, [...] uma redistribuição dos possíveis que desembocam numa transformação ao menos parcial, improgrável, ligada à imprevisível criação de novos espaços-tempos, de agenciamentos institucionais inéditos; fazer fugir algo, fazer fugir um sistema (DELEUZE; PARNET, 1998).

A fuga em *espaços luminosos*, que possuem linhas modelares, que estão construídas a partir de enquadramentos determinantes, como “[...] pacotes de linhas segmentarizadas” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 145), mas que coexistem com os *espaços opacos*, com linhas flexíveis (menores e fracas), onde ocorrem os *microdevires*, numa condição criativa, isto é, as linhas de fuga (DELEUZE; PARNET, 1998). Os territórios sempre comportam dentro de si vetores de desterritorialização e de reterritorialização. E operar esses vetores, é operar linhas de fuga.

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente [...]. (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p.323).

Uma experimentação de profanação do/com o mundo, com a multiplicidade, um movimento que passa pelos territórios espaciais e curriculares, seguindo o fluxo dos devires espaciais, ultrapassando as pretensas estruturas das propostas curriculares em linha de fuga que desterritorializa subjetividades para Geografias Escolares outras que se reterritorializam.

A cocada do ambulante, o mototáxi na esquina, a bituca de cigarro no chão, os pingos de chuva na construção, os quadros na calçada, a música que veio de repente, o muro pichado, a rua em que não se pôde entrar, a marca de tiro na parede, as badaladas do sino da igreja, o cone na esquina, a fonte da praça desligada, e lá vou eu / iô iô iô iô iô / lálálálálá / e lá vou eu.

Nesse praticar/produzir a cidade, entre o percorrer e narrar, os mapeamentos emergem implicando numa Geografia Escolar que é feitura de uma Cartografia Profana

que fabula corpos a partir da cidade, e a cidade a partir dos corpos, desestabilizando ainda mais e como sempre as tentativas homogeneizantes dos currículos e da urbanização.

No fluxo do mapear, entre percorrer e narrar as encruzilhadas do lugar, é que se encontra a potência criativa do mapeamento, e inventar o espaço da cidade, compondo versões dos mapeadores, *praticantes ordinários* (CERTEAU, 2008). Rasura-se as noções de espacialidade de Certeau nessa pesquisa, por suas formulações apresentarem uma dicotomia entre o tempo e o espaço. Segundo Massey (2008), o autor expressa as estratégias em termos de *espaço*, e as táticas em termos de *tempo*. Diante disso, desenvolve-se um mapeamento com operações que borram os pretensos caminhos fixos, e percorre as encruzilhadas do vidro. Daí o mapeador “vai caçar. Cria surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É a astúcia. Em suma, uma arte do **fraco** [e nesta pesquisa, também do **menor**]” (CERTEAU, 2008, p. 94-95).

Como já dito, o espaço é um texto, e o mapa uma textualização, que nessa Cartografia Profana se faz e emaranha-se por mapeamentos como narrativas fracas e menores, imbricadas na “arte de dizer” e na “arte de fazer” (CERTEAU, 2008). Uma narrativização “com seus procedimentos e táticas próprios” (CERTEAU, 2008, p. 141), que no caso desta pesquisa, as táticas do mapeamento profano são borradas pelos gestos de fabulações-performativas do lugar.

POSLÚDIO: PEDRAS CATADAS NA ENCRUZILHADA

[PEDRA 1] **O currículo e a tal BNCC.** Em Marques e Carvalho (2022) defende-se que as políticas públicas, nas mais diversas escalas, sempre criações de hegemonias a partir de disputas linguísticas, são, por natureza, produtos hegemônicos estabelecidos como *fortes* e *maiores*, entretanto, apresentadas mais ou menos como democráticas, autoritárias, (in)flexíveis. Naquele trabalho, chamamos a atenção para as políticas curriculares do processo de ensino e aprendizagem da geografia, ainda tentam aplicar conceitos e teorias de forma fixa e com padrões universais (COSTA, 2020), apesar de a história recente da Geografia Escolar está mergulhada em disputas por renovação.

No trabalho em questão problematiza-se esse cenário, com o argumento de que tentativas de constituições fixas e universais são potencializadas na presença oficial da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) para pautar seus movimentos de afirmação de univocidade curricular, ao tempo que se defende aqui que a BNCC não é significada igualmente nos contextos, o que possibilita, apesar da tentativa de frear, escapes de produções outras e constantes traduções nas políticas de currículo (MARQUES; CARVALHO, 2022).

Neste sentido, argumenta-se em defesa de uma Geografia Escolar atravessada pela *política incontrolável* (PIMENTEL-JUNIOR; CARVALHO; SÁ, 2017), que incorpora as contingências de um caminhar na escola como construção irregular de sentidos, frente a tentativas hegemônicas de fixação dos sentidos e imposição de uma base comum. A partir de Lopes (2010), pensa-se que a sociedade como um todo estruturado e fixo não existe, e isso faz com que os fundamentos universais sejam impossíveis, não fecham a significação da política de uma vez por todas na escola.

Para Pimentel Junior, Carvalho e Sá (2017), a *política-poética do incontrolável* significa, com base em Bhabha (2013), trilhar na *tensão insuperável*, com negociações entre afirmar e trair tradições, em movimento de tensão insuperável, sem amanhã, no qual “[...] nem a vitória, nem a derrota jamais serão completas” (MACEDO, 2006, p. 289).

Uma criação, que pelas demandas da diferença, a cada repetição reterritorializa sentidos outros que produzem multiplicidade, que é potencializada em devires incontroláveis. Pela *Diferença e Repetição*, a projetos homogeneizantes são dissolvidos pela e na *tradução*. E essas traduções são sempre minorizadas, com um movimento de rasura no discurso hegemônico que trapaceia seus significantes fixos.

[PEDRA 2] Mas o que é o espaço?

Massey (2008) destaca três proposições acerca do conceito de espaço:

1. O espaço é um produto de **inter-relações**, construído a partir de inter-relações desde o global ao local (ou vice-versa).
2. O espaço é esfera de possibilidade da existência da **multiplicidade**, onde distintas trajetórias coexistem.

3. E finalmente, o espaço **aberto**, em processos de devires, justamente por ser produtor e produto de relações, sempre sendo feito, nunca está finalizado, jamais se encontra fechado.

Desloca-se às discussões da geógrafa inglesa Doreen Massey, no livro “*Pelo Espaço*”, para argumentar a favor da compreensão do espaço como dimensão aberta na Geografia Escolar, um ente que está sempre em processo de (re)construção, já que, ainda hoje, consideram o espaço como terra e mar que se estende ao nosso redor, fazendo parecer que o espaço é uma superfície fixa, algo como dado. Notadamente, concebem que as histórias acontecem como fenômeno sobre uma superfície fixa. A terceira proposição de Massey é de particular importância nesta pesquisa, pois implica dizer que sempre existem produções possíveis de acontecer em algum “tempo”. Imaginando assim o espaço, ele não seria uma estrutura para o progresso, com cenários nos quais as direções da história, inclusive do futuro, já são conhecidas. Acredita-se, coadunando com Massey, que a partir da terceira proposição, é possível imaginar um espaço como fruto de **inter-relações** (primeira proposição) e da **multiplicidade** (segunda proposição), entretanto estas não são fixas, mas sim, *incontroláveis*, não constituídas por identidades imutáveis, mas pela diferença.

Enquanto a diferença toma os movimentos como precários e provisórios, a identidade constrói um recorte estável, tentando afastar o movimento de diferenciação (DELEUZE, 2008). Assim, defende-se a constante produção de diferença relacional com o espaço, em novas temporalidades, uma encenação de políticas incontroláveis, frente às tentativas hegemônicas de sentido, como esfera da possibilidade da multiplicidade na qual distintas trajetórias coexistem, é a esfera da possibilidade da existência de mais de uma narrativa. A filosofia da diferença configura um plano imanente que tensiona produção relacional com espaço entre diferença e repetição, para borrar, rasgar e remendar as estruturas.

Nessa espacialidade, Massey defende que tanto o espaço quanto o tempo são “abertos”. Ela valorizou a multiplicidade como potência que pode incorporar as contingências, afastando-se, assim, da dicotomia espaço e tempo. O espaço é dimensão

necessária para a existência da diferença, ou seja, para existir tempo, deve existir espaço.

Se o tempo deve ser aberto para um futuro do novo, então o espaço não pode ser equiparado com os fechamentos e horizontalidades da representação. De um modo mais geral, se o tempo deve ser aberto, então o espaço tem de ser aberto também. Conceituar o espaço como aberto, múltiplo e relacional, não acabado e sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta e, assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade da política. (MASSEY, 2008, p. 94-95).

A experiência marginal do devir se produz minorizada, descentralizada, borrando os discursos hegemônicos. Mas o que pode um corpo? De que afetos ele é capaz? (DELEUZE; PARNET, 1998). O espaço é incontrolável. Espacialidades dentro dos espaços-tempos são produzidas por contingências, que acontecem em mapeamentos que são produtores e produtos do espaço, e por extensão afeta e produz corpos.

[PEDRA 3] **O local-global no currículo e no espaço.** O *local desmancha o global*, os desmanches locais-globais acontecem nas políticas curriculares e no espaço:

As **políticas curriculares** que estão aí no mundo, se entrelaçam na tensão do *global-local* (BALL, 2001), mas que não acontecem de forma verticalizada ou aplicada, mas com articulações e reinterpretações em múltiplos contextos. Na prospecção de emergir atualizações e traduções múltiplas.

Caledoscopicamente, cada a-com-tecer capta o *espírito do tempo*, um espírito que, o global, é sempre *desmanchado* no local, abarcando as mais diversas temporalidades, ou seja, características de todas as etapas, com maior ou menor intensidade, mesmo que remodeladas, estão sempre presentes. Neste sentido, a Pedagogia do A-com-tecer parte da premissa imanente que as coisas – e, portanto, também os currículos – emergem (se atualizam) de forma mais ou menos independente das prescrições previamente pensadas. Ou seja, à intencionalidade se junta, também, o acaso. (CARVALHO, 2008 p. 58).

O lugar é local?

A lugarização nem sempre ocorre em relação ao entorno próximo, porque lugar nunca pode ser compreendido apenas como sinônimo de esfera

próxima, como “local”. Costumo dizer para meus alunos que o planeta Terra inteiro pode ser lugar para alguém que esteja hipoteticamente em uma estação espacial, olhando essa imensa bola azul de longe, e com saudades dessa Geografia cotidiana que precisa de “chão” sob os pés para acontecer. Esse astronauta hipotético pode em um momento de desalento exclamar a um colega que sente saudades da Terra, ao observá-la de (muito) longe, e, nesse momento, o planeta é lugarizado. (SERPA, 2020, p. 5).

Navega-se aqui no desafio do lugar como multiplicidade, sempre condicionadas ao incontrolável, sempre aberto para a potência das contingências, e não como coisa fechada, com identidade essencial, “imaginando ‘o global’ como sempre ‘acima’, ‘exterior’, certamente em algum outro lugar” (MASSEY, 2008, p. 97). O local desmancha o global. É fluxo de multiplicidades que compõem o global como resultado de múltiplos movimentos que implicam diversas conexões locais-globais, diante da tendência homogeneizante da globalização existe a proliferação da diferença.

Lugar é o espaço vivido em múltiplas escalas, mais ou menos local, mais ou menos global, mais ou menos regional, mais ou menos nacional. Quando o lugar se fecha no ‘nós’ e não se abre para o ‘outro’ torna-se invariavelmente território (fechado), o que inviabiliza o espaço público enquanto espaço de negociação/mediação (SERPA, 2015, s/p).

O lugar não é essencialmente local, e isso não quer dizer que o lugar não seja vivido ou sem traços de subjetividade.

[PEDRA 4] Aventura-se no mapear. No emaranhado de traduções dos corpos que tecem esses mapeamentos estão as fotografias que compõem os mapas, com potência de produção desejante. Mas...

“O que meu corpo sabe da Fotografia?” (BARTHES, 2012, p. 17).

A imagem fotográfica é um clique capturado em um instante, que nunca mais poderá ser repetido de forma equivalente já que o tempo-espaço já será outro, assim como não se pode banhar duas vezes no mesmo rio. Mas, assim como o mapa, e como dispositivo dos mapas nesta pesquisa, a fotografia está acolá das representações da realidade. Para além de orientar no processo de significação visual, as fotografias estão

abertas ao imaginário, a traduções que propiciam encontros de afetos a partir de criações que vão além do que a imagem *dá a ver*.

Frui-se dos termos *studium* e *punctum* criados por Barthes (2012) em *Câmara Clara*. Na leitura da narrativa fotográfica, um *continuum* entre eles. O *studium* é tentativa de encontro com as intenções do fotógrafo, uma tentativa de reconciliação com a imagem, que fortuitamente pode gerar, no fluxo do acontecimento, um atravessamento de um sentido identificável, o *punctum*. Algo que decorre da fotografia, que afeta o corpo num fluxo menor, “pois sendo pequena mancha, pequeno corte, [...] o *punctum* de uma foto é esse acaso que nela pune (mas também modifica, fere)” (BARTHES, 2012, p.46), num engajamento imanente que coloca diante do corpo o rasgo de algo intercambiável entre real e imaginário, uma aventura (*adventure*) do pensamento, tal como as fotos nos “advém” (BARTHES, 2012, p.36).

Assim, parece-nos que a palavra mais adequada para designar (provisoriamente) a atração que sobre nós exercem certas fotos era “aventura”. Tal foto nos advém, tal outra não. **O princípio da aventura permite fazer a Fotografia existir.** De modo inverso, sem aventura, nada de foto. Citemos Sartre: “As fotos de um jornal podem muito bem ‘nada dizer-me’, o que quer dizer eu as olho sem pô-las em posição de existência. Assim as pessoas cuja fotografia vejo são bem alcançadas [...] Nesse deserto lúgubre, me surge, de repente, tal foto; ela me anima e eu a animo. Portanto, é assim que devo nomear a atração que a faz existir: uma animação. A própria foto não é em nada animada (não acredito nas fotos “vivas”) mas ela me anima: é o que toda aventura produz. (BARTHES, 2012, p.36-37).

Diante disso, pergunta-se: O que seu corpo sabe de determinada fotografia? De que afetos ele é capaz com ela?

[PEDRA 5] **Experiência hodológica.** Seguindo rastros desses estudos, nos interessamos pelos gestos do mapeamento, pelo corpo atento aos sentidos à medida que percorre a encruzilhada, e aqui, ao passo que segue as linhas de fuga do vidro, fugas que expressamos como *hodológicas*, no rolar de uma pedra com Eternos Retornos.

Eternos Retornos que inspiram uma discussão em torno da relação da Cartografia como discurso de poder e produção de imaginações espaciais, o qual rola essa *pedra* com marcas dos jardins geográficos do século XVI; o flâneur caminhante,

errante e vadio; o dadaísmo e a busca de valorização de experiências na “cidade banal” e a proposta de deambulação surrealista; a deriva espacial proposta por Debord e a internacional situacionista.

hodologia

(*hodo + logia*)

substantivo feminino

1. Estudo dos caminhos.

A hodologia é explorada em diversos campos do saber e permeia a reflexão moderna do espaço. O termo foi inventado a partir da palavra *hodos*, por Kurt Lewin, que elaborou uma teoria ecológica tomando o indivíduo não fora do meio, mas sendo seu meio. Na Geografia, a hodologia foi introduzida por Jhon Brinckerhoff Jackson que se interessa pelo traçar do caminho no espaço vivido e as formas de senti-lo.

Pelos fios da desconstrução, aqui o *hodos* vira teias e nós, e o caminho irreversivelmente incontrolável se abre para as contingências, num tecido de uma geografia que enreda um fluxo de relações humanas e não humanas e pode escapar de diretrizes. E no gesto errante de rolar pedras pelo caminho do vidro, nesta pesquisa, os caminhos do Centro Histórico de Salvador, se tornam encruzilhada, a qual não se fecha, mas se expande para os gestos da fabulações-performativas, traçando o lugar à medida que o percorre.

Nesse ato profano, de traçar caminhos outros, e percorrer ao acaso, no espaço vivido com abertura indefinida, produção de espacialidade por gestos de mapeamentos profanos. A hodologia tensiona a maneira de perceber o mundo a partir das vias que o atravessam, na medida em que ela acentua a dimensão da experiência sensível e afetiva do mapeamento nessa pesquisa no fluxo incontrolável das incertezas. Esses são os passos incertos de uma Geografia Escolar fraca e menor, o acaso nos faz tropeçar em pedras, acontecimentos, que inauguram devires-urbanos.

Nessa encruzilhada da vida urbana o gesto criativo dá possibilidades para o mapeador recriar no espaço vivido, e apropriar-se da rua como cenário aberto a

fabulações-performativas. Sabendo, que o mundo está em constante movimento, que nada no lugar é fixo, e que o eterno retorno é em diferenças, o esforço

de rolar essa pedra, que é só mais uma pedra, dentre tantas que a escola rola.

O mundo está continuamente em movimento geológico. A deriva continental acontece na velocidade em que nossas unhas crescem e partes da Grã-Bretanha se ergueram a partir do Atlântico Sul. Nada na paisagem é fixo; nada tem seu lugar “eterno”. As pedras estão sempre se movendo por rios e glaciares, atiradas para fora de vulcões ou rolando montanha abaixo. Esses trabalhos em que movo pedras por aí são apenas uma outra parte deste continuum. (LONG, 2007, p. 46).

Mapeia-se com Deleuze (1997), que refletiu sobre o trajeto de crianças partindo das noções de espaços hodológicos de Kurt Lewin, para fabular os gestos de mapeamento no lugar entre a paisagem (real) e o imaginário:

No limite, o imaginário é uma imagem virtual que se cola ao objeto real, e inversamente, para constituir um cristal de inconsciente. Não basta que o objeto real, que a paisagem real evoque imagens semelhantes ou vizinhas; é preciso que ele desprenda sua própria imagem virtual, ao mesmo tempo que está, como paisagem imaginária, se introduza no real segundo um circuito em que cada um dos dois termos persegue o outro, intercambie-se com o outro. (DELEUZE, 1997, p. 74-75).

Segue-se rastros dessa cartografia, que segundo Deleuze se difere das concepções arqueológicas, pois se vincula ao inconsciente, a memória; e uma concepção memorial, incide sobre pessoas e objetos, sendo os meios apenas terrenos capazes de conservá-los. Já na via da fabulação, a que decidimos nos deslizar, com os mapas, cada gesto de mapeamento encontra um remanejamento, em vez de encontrar nos precedentes uma origem. De um mapa a outro, não se trata da busca de uma origem, mas de uma avaliação dos deslocamentos (DELEUZE, 1997).

Cada mapa é uma redistribuição de impasses e aberturas, de limiares e clausuras [...]. Não é só uma inversão de sentido, mas uma diferença de natureza: o inconsciente já não lida com pessoas e objetos, mas com **trajetos e devires**; já não é um inconsciente de comemoração, porém de mobilização,

cujos objetos, mais do que permanecerem afundados na terra, levantam voo. (LANCETTI, 2014, p.118).

Acordando com esta citação, esta pesquisa “lida com trajetos e devires” ao tempo que, em um roubo criativo, ajusta os termos espaço luminoso – aqueles aproximados à lógica do sistema dominante – e espaço opaco – os marginalizados e menos sistêmicos – do repertório de Milton Santos, em um continuum que se fabula e é expresso nos trajetos e devires engendrados pelas encruzilhadas criadas com a rachaduras dos vidros.

E é nesse continuum que as práticas ordinárias, no rolar incessante da pedra, que fluem múltiplas forças criativas. E nesse estado de múltiplas expressões do lugar, coexistem encontros com outros corpos (humanos e não humanos), que inauguram o devir cidade, onde os desejos emanam gestos de mapeamento de variabilidade expressiva. E esse mapa/mapeamento, não é o prolongamento dos corpos dos mapeadores, pelo contrário, são mapas de intensidades, que distribuem afetos. E um mapa intensivo, é um devir. (DELEUZE, 1995, p. 77).

Daí, a partir das intersecções com Deleuze, compreende-se que nesses mapas incontrolláveis, dessa Cartografia Profana, o real e o imaginário intercambiam-se. “Um devir não é imaginário, assim como uma viagem não é real. E devir que faz, do mínimo trajeto ou mesmo de uma imobilidade no mesmo lugar, uma viagem; e é o trajeto que faz do imaginário um devir.” (DELEUZE, 1997, p.77).

Um Geografia Escolar experimental

[...] tal como eu a vivo, antecipa experimentalmente até mesmo as possibilidades do niilismo radical; sem querer dizer com isso que ela se detenha em uma negação, no não, em uma vontade de não. Ela quer, em vez disso, atravessar até ao inverso – até um dionísio dizer sim ao mundo [tal como ele é]. (NIETZSCHE, 1987, p. 172-173).

E esses experimentos, aqui, numa encruzilhada que inaugura devires, “a arte os torna presentes uns nos outros; ela torna sensível sua presença mútua e se define assim, invocando Dioniso como deus dos lugares de passagem e das coisas de esquecimento” (DELEUZE, 1997, p.79). Por uma leitura de mundo, menos apolínea e mais dionísica.

[PEDRA 6] **Mapeamento e produção de diferença.** Operando com a noção de tradução, os mapeamentos inscrevem aqui na ordem da provisoriedade, se repetem e se diferenciam na pulsão, rompendo as imposições de convenções. O mapeamento dissemina sentidos diversos dos mapas, independente daquele que o produziu. E essa é a condição do envolvimento com a Cartografia Escolar: traduzir, inventar a vida, grafar o mundo, mapear!

“A **diferença** e a **repetição** podem legitimamente **contestar** a legitimidade do fundamento” (DELEUZE, 2006, p. 349). Na **repetição** da quebra do vidro, na **diferença** dos traçados *incontroláveis* dos gestos de sua quebra e a legítima **contestação** da legitimidade do fundamento da representação, desejamos abraçar o incontrolável do espaço e do currículo, sempre abertos a fabulação a partir dos fios e tramas da contingência, o que impede uma identidade idealizada dos mapeadores e grafa novos traços no espaço. Esses traços minorizados, escapam da pretendida detenção da Cartografia e dos Currículos centralizados, escapa-se ocupando uma nova territorialidade, uma linha de fuga, que inaugura devires, de uma Geografia menor e fraca.

A repetição, para Deleuze, é o contrário daquilo que ordinariamente entendemos por “repetição”, por isso, distingue repetição de generalidade. A repetição é única e singular, enquanto a generalidade tende a semelhanças e equivalências. Embora a repetição esteja exterior ao conceito de diferença, ela é diferença. “A repetição é o ser informal de todas as diferenças, a potência informal do fundo que leva cada coisa a esta, “forma” extrema que sua representação se desfaz” (DELEUZE, 2001 p. 95).

A repetição da quebra do vidro, em um gesto menor de uma cartografia escolar, que de acordo com Deleuze, é o eterno retorno Nietzscheano como expressão imediata da vontade de potência.

O eterno retorno, segundo Nietzsche, não é de modo algum um pensamento do idêntico, mas um pensamento sintético, pensamento do absolutamente diferente que reclama fora da ciência um princípio novo. Esse princípio é o da reprodução do diverso enquanto tal, o da repetição da diferença. [...] no eterno retorno, não é o mesmo ou o uno que regressam, mas o eterno retorno é ele próprio o uno que se diz do diverso e do que difere. (DELEUZE, 2001, p. 72).

A pedra sempre voltará, no eterno retorno do nosso castigo de trair os deuses. Mas a repetição de sua volta, será sempre diferente, e com ela o castigo da criação que inaugura devires, a produção de mapas diferentes. Nem identidade do mesmo nem equivalência do semelhante, a repetição está na identidade do diferente (DELEUZE, 2006). O motor da repetição é a diferença!

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução de Selvino J. Assman. 1ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2007.
- BALL, Stephen J. Diretrizes políticas globais e relações políticas locais em educação. **Currículo sem Fronteiras**, dez., v. 1, n. 2, pp. 99-116, 2001.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BUTLER, Judith. **Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory**. In: Theatre Journal. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, Vol. 40, n. 4., Dec., pp. 519-531, 1988.
- BUTLER, Judith. **Marcos de guerra**. Las vidas lloradas. Barcelona/Buenos Aires/México: Paidós, 2010.
- CARVALHO, Maria Inez. O a-com-tecer de uma formação. Revista da FAEEBA - **Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 29, p. 159 a 168, jan./jun., 2008.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano I: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- COSTA, Hugo Heleno Camilo. “SERÍAMOS A POLÍTICA QUE CRITICAMOS?”:: a interlocução do povo da Geografia na produção da BNCC. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 125–152, 2020. DOI: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i19.913>
- DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de António M. Magalhães. Porto: RÉ-S-Editora Lda, 2001.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2008.

- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. O que as crianças dizem. In: **Crítica e clínica**. São Paulo, Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2** - v. 5. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. V.1. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- DERRIDA, Jacques. **A Farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- DERRIDA, Jacques. **The spati al arts: na interview with Jacques Derrida**. In: Brunett e, P.; Wills, D (orgs.). **Deconstructi on and visual arts: art, media, architecture**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, 9-32.
- DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Campinas: Papirus, 1991.
- FÉRAL, Josette. **Além dos limites: teoria e prática do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Cartografias Sonoras: do olhar fixo para a escuta nômade. In: ANTÔNIO, Vieira. JULIÃO, Rui P. (coords.). **Atas do XIV Congresso Ibérico de Geografia – Jangada de Pedra: geografias – ibero – afro – amercianas**. Guimarães (PT): Universidade do Minho, 2014, p. 436-441.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1999.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2014.
- LANCETTI, A. **Clínica peripatética**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LARROSA, Jorge (Org.). **Elogio da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- LONG, Richard. **Selected Statements and Interviews**. London: Haunch of Venison, 2007.
- MACEDO, Elizabeth. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n. 32, p. 285-372, maio/ago, 2006.

MARQUES, Vitor; CARVALHO, Maria Inez. A noção de Absurdo em Camus e a Geografia Escolar. **Revista Signos Geográficos**, v. 4, p. 1-20, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5216/signos.v4.72510>

MARQUES, Vitor; ROCHA, Cléa Cardoso da; FARIA, Marcelo Oliveira. Intersecções de uma corrida orientada na (re)construção dos conhecimentos cartográficos. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 12, n. 22, p. 05–21, 2022. DOI: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v12i22.1159>

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 312p., 2008.

MILAGRES do Povo. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. In: TENDA Dos Milagres: Trilha Sonora da Minissérie. [S. l.]: Som Livre, 1985. LP, Lado A / Faixa 1.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas** (Os Pensadores); Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos: rumo a geografias menores. *Pro-Posições*, v. 20, n. 3, p. 17-28, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000300002>

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PIMENTEL-JÚNIOR, Clívio.; CARVALHO, Maria Inez; SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. Pesquisa (Auto)Biográfica em Chave Pós-estrutural: conversas com Judith Butler. **Práxis Educativa**, v. 12, n. 1, p. 203-222, jan/abr, 2017.

PRESNER, Todd. Remapping German-Jewish Studies: Benjamin, Cartography, Modernity. **German Quarterly**, American Association of Teachers of German, Cherry Hill, v. 82, n. 3, p. 293-315, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1756-1183.2009.00051.x>

SERPA, Angelo. **Extrato das discussões on-line do ciclo Sennett**, no âmbito das atividades do Grupo Espaço-Livre. Salvador, 2015.

SERPA, Angelo. Lugar, paisagem e experiência / Place, landscape and experience. **Geograficidade**, v. 10, n. Especial, p.99-105, 6 out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2020.100.a38410>

ST. PIERRE, Elizabeth Adams. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa. Trad. Felipe Aguiar. Ponta Grossa: **Práxis Educativa**, v. 13, n. 3, p. 1044-1064, set./dez, 2018.

VATTIMO, Gianni. **O fim da Modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. Tradução de Eduardo Brandão. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HISTÓRICO

Submetido: 31 de Ago. de 2022.

Aprovado: 27 de Out. de 2022.

Publicado: 27 de Dez. de 2022.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT:

MARQUES, Vitor. CARVALHO, Maria Inez. Cartografia profana: políticas-poéticas de currículo e espacialidade na geografia escolar. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade - LES**, v. 26, n. 52 2022.